

FAMÍLIA E AGRESSIVIDADE INFANTIL – UMA REFLEXÃO ACERCA DESSAS INTERRELAÇÕES E SEU CONTEXTO SOCIAL

Raphael Silvano Ferreira Silva¹

Comunicação Oral

GT: Sociologia

Resumo

O presente trabalho procurou investigar e entender os comportamentos agressivos - suscitadores de violência física no ambiente escolar - a partir das relações familiares. Porém sem utilizar uma análise fechada da família e nem da *escola*. Procurei entender as dinâmicas sociais nas quais estão inseridas (contexto social) as crianças e os espaços estudados. Como se estabelecem as relações de agressividade? Pretendi entender, constatar e propor possíveis soluções para as questões relacionadas à *agressividade infantil*, sempre as relacionando com o ambiente familiar e seu *habitus familiar*, influenciados diretamente pelo contexto social no qual estão inseridos. Dentro desta perspectiva holística, utilizei como instrumento metodológico os conceitos de LAHIRE, para a partir de conversas com os alunos, identificar os seus espaços e vivências do cotidiano, além de suas experiências e relatos do dia a dia. Dentro do presente trabalho, pude perceber uma série de fatores que podem ser desencadeadores ou influenciadores dos comportamentos agressivos das crianças. Outra questão abordada no trabalho refere-se aos aspectos relacionados à afetividade, onde os referenciais afetivos que se tem, – principalmente na família – podem nos ajudar (educadores) a criarmos estratégias que nos permitam desenvolver ações conjuntas entre escola e família durante o processo educacional. Desta forma, este trabalho se propôs a investigar as relações familiares e o contexto social das famílias das crianças da Escola Municipal Djalma Coutinho de Oliveira, no município de Niterói – RJ, e as relações destas crianças oriundas de famílias que pertencem à classe trabalhadora, com a agressividade infantil presente no cotidiano escolar. A fim de que possamos nos debruçar sobre este tema, buscar compreendê-lo e desenvolvermos ações conjuntas entre família e escola na busca da formação por um cidadão consciente de seu espaço no mundo e de sua função social. Que tenha a consciência real do mundo em que está inserido, para assim enxergá-lo pelo prisma do cidadão crítico e consciente.

Palavras-chave: *escola, habitus familiar, agressividade infantil.*

¹Raphael Silvano Ferreira Silva é mestrando em Educação do Programa de Processos Formativos e Desigualdades Sociais – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), RJ, Brasil. Especialista em Pedagogia Crítica da Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), RJ, Brasil. Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ), RJ, Brasil. Professor dos municípios de Niterói - RJ e Rio de Janeiro – RJ, atuando na disciplina de Educação Física. Coordenador do Projeto Mais Educação – Governo Federal - na Escola Municipal Djalma Coutinho de Oliveira situada no município de Niterói – RJ, Brasil e tesoureiro do Conselho Comunidade Escola (CEC) da mesma instituição educacional.

1.Introdução

Um tema bastante recorrente na sociedade atual, e que podemos vivenciá-lo em nosso dia-a-dia, principalmente em grandes cidades da América Latina e do mundo, trata-se da violência em geral. Tão discutida e em evidência, tem seus desdobramentos, segmentos, e se difunde em diversos setores da sociedade.

Os índices de violência na América Latina e no mundo em geral, são objeto de investigação, indagação e indignação diante do cenário atual da sociedade mundial dita globalizada. Assim como as desigualdades sociais e as macro e microviolências a que são submetidas pessoas em diversos espaços, como: doméstico, de produção, de mercado, da comunidade, da cidadania e mundial, como nos mostra (SANTOS, 2000 p. 381), chamando-os de espaços estruturais². Não acredito que existam somente esses espaços, mas concordo com o autor no que tange a maior relevância destes espaços nas relações sociais, econômicas, culturais, políticas etc, em que vivem os cidadãos. Ao citar estes espaços entendo que a sociedade comporta um conjunto de fatores que a formam, mudam, significam e ressignificam permanentemente.

O cenário latino-americano tem vivido uma inquietação com questões relacionadas à pobreza, ao desrespeito aos direitos humanos e à violência. Não podemos deixar de analisar estes problemas de uma forma geral, para não cairmos no risco de isolar os fatos e não os entendermos por completo. O presente trabalho tem a pretensão de entender às dinâmicas da formação do indivíduo agressivo, a partir das suas relações familiares, que na verdade estão dentro de todos os espaços estruturais já citados por SANTOS.

Um dos setores em que se enraízam tais desdobramentos, é a escola. Temos visto diariamente nas mídias e também “in loco”, situações que nos chamam atenção. Sendo amplamente divulgados nas mídias sociais. São ex-alunos que retornam as instituições educacionais de origem e matam colegas. Crianças que se “engalfinham” corriqueiramente em pátios, salas de aula, corredores etc.

Nós educadores, temos visto estes fatos se tornarem cada vez mais frequentes em nossas relações de trabalho e sociais como um todo. Levando-me a crer que um profundo estudo tenha que ser feito, para ao analisarmos as microestruturas e macroestruturas envolvidas nos processos educacionais possamos criar meios e soluções para o enfrentamento do que a sociedade e nós educadores enxergamos como um problema seriíssimo dentro das instituições educacionais,

² Para um maior detalhamento no que se refere aos espaços estruturais, procurar em (SANTOS, 2000 p. 381).

produtoras de consequências catastróficas fora desses espaços, resultando em um substancial aumento do caos social existente.

A comunidade educacional tem o dever moral e ético de entender este cenário em uma dimensão holística - total - sem separarmos os espaços, e sim, entendermos como eles se relacionam e interagem, como se afetam, quais as implicações etc.

Para podermos buscar alternativas e possíveis soluções para estes problemas, serão analisadas neste trabalho as relações familiares e suas influências nos comportamentos agressivos na educação infantil. Para isto, temos que entender como se formam os indivíduos de nossa sociedade e em que contextos.

2. O contexto social, a família e seus desdobramentos na escola

A comunidade estudada contempla famílias da classe trabalhadora / camada popular, das regiões de Palmeiras, Teixeira de Freitas e Caramujo, no município de Niterói – RJ, Brasil. Estas comunidades onde as famílias dos alunos estão inseridas são comunidades dominadas pelo tráfico de drogas, e que exercem o poder paralelo como se “tutores” fossem destas comunidades, ostentando poder econômico, social, coercitivo e arbitrário dentro destes espaços. Este cenário torna-se importante, pois é neste espaço onde as crianças e suas famílias vivem e passam o tempo. Tendo suas vidas regidas pelo poder paralelo dentro do espaço comunitário, sendo muitas vezes violentadas fisicamente e vendo violências físicas em seus espaços comunitários.

No espaço doméstico, tendem a serem repetidas as práticas de agressividade física vistas nos seios das comunidades em análise. Os espaços de convivência familiar e seus integrantes - não necessariamente os pais – repetem em seus filhos ou em seus “inferiores” hierarquicamente (no ambiente familiar) os castigos, reprimendas e violências aplicadas pelos “donos das comunidades”.

O poder público por sua vez, não consegue interpenetrar nessas comunidades tornando praticamente legitimadas essas práticas de governo paralelo feito dentro desses espaços comunitários e domésticos.

As mídias também possuem influência dentro desses espaços, quando vimos diversos anúncios onde o comprar se torna quase obrigatório. Onde produtos caríssimos são postos à “disposição de todos”. Porém, não todos, somente os abastados ou os chefes do tráfico que através de seu enriquecimento ilícito ou da coerção através da força que os armamentos lhes dão, dispõem de recursos financeiros e meios para tal. Quando em filmes, novelas e seriados de TV, projetam seus heróis através de atos violentos (físicos e mentais), com armas, destruições em massa etc. Todas estas influências tem efeito direto dentro dos espaços de convivência familiar.

O presente trabalho vem mostrar que isto se reflete também dentro dos espaços educacionais através da agressividade manifestada na forma de violência física dentro destas instituições. Estas violências ocorrem entre os próprios alunos, que se ferem, machucam e não parecem ter qualquer tipo de pudor ou compaixão para com os “colegas” agredidos. Neste sentido acompanho o conceito de (BOURDIEU, 1983 p. 65), quando nos fala sobre o conceito de *habitus*³ e que chamarei de *habitus familiar*:

(...) um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (...) (BOURDIEU, 1983b, p. 65)

Neste pensamento o autor, tem como visão de *habitus*, tudo aquilo que é realizado no ambiente em que o indivíduo está inserido e em suas práticas cotidianas, dotada de símbolos e códigos inerentes ao contexto vivido pelo ser social.

Ou seja, as relações de família perdurarão nas ações do indivíduo, todo o impacto das relações vivenciadas no cotidiano, será visto em suas práticas sociais. Todo o arcabouço de experiências vividas transforma-se em práticas sociais. O ambiente familiar cheio de símbolos, significações e costumes, estará incutido no ser, pronto para eclodir através dos indivíduos vindos destes mesmos ambientes familiares.

Sendo assim, os hábitos de agressão física vivenciada dentro do espaço doméstico - no seio da família - poderão ser repetidos dentro de outros espaços, e assim eles chegam também à escola.

2.1. A agressividade infantil e o ambiente escolar

2.1.1 Agressividade Infantil

Ultimamente temos visto na sociedade um destaque de grandes proporções às questões ligadas a violência. Esta violência na sociedade em geral, para muitas pessoas pode estar ligada à agressividade infantil, que por não ser desestimulada no período da infância toma grandes proporções na vida adulta. Para LIPOVETSKY, a violência se faz presente nas cidades através de um consumismo exacerbado, políticas públicas, desigualdades sociais etc, assim como o mesmo diz:

³ Bourdieu, P. em *Sociologia*, 1983. Cria o conceito de *habitus*, como sendo a realidade herdada dos meios provenientes da pessoa. Sendo este, sempre associado às questões da desigualdade e este processo identitário relacionado a discrepância entre as classes sociais – elites dominantes e trabalhadoras.

A violência se faz presente na maioria das cidades, onde elevados índices de criminalidade são acompanhados de desigualdade social, miséria, falência do poder público, ineficiência das políticas na área de segurança e frustrações geradas pela sociedade de consumo. Contudo, considerando que a violência não se restringe a lugares e grupos na pobreza, também se frisa a associação entre violência e um individualismo narcíseo que exclui o outro, a solidariedade a ética de convivência e a orientação por projetos político-sociais. É quando se ressalta o desencanto com o coletivo, realização da modernidade tardia e o hiperconsumismo (LIPOVETSKY, G. In: www.miriamabramovay.com.br, 2009).

Podemos ver que o autor, com formação filosófica, destaca o modelo social como um dos quesitos com maior influência sobre ações de violência na sociedade. Vindo ao encontro das idéias de BOURDIEU e sendo completado pelo pensamento vindo da psicologia nas idéias de Patterson, como veremos adiante.

Já agressividade infantil pode ter diversos motivos, tanto o ambiente escolar como fornecedor de ações a propiciar um comportamento agressivo fora da normalidade, como o habitus familiar pode ter influência decisiva nestas ações. Como podemos ver:

(PATTERSON,1982) estudou a agressividade no ambiente familiar e verificou que nas famílias, em que não há demonstrações de aprovação e afeto, as crianças são extremamente agressivas. Também ambientes familiares coercivos, com punições, ameaças, provocações entre os membros familiares, contribuem para o desenvolvimento da agressividade nas crianças. (Prodócimo et. Al. 2009, pág 2).

O autor possui uma visão derivada da psicologia, decorrente de sua formação, porém, não se afasta da perspectiva social e nem do capital cultural e do habitus familiar citados por (BOURDIEU, 1992), quando o mesmo afirma que o hábito herdado das instituições em que vivem, principalmente a família, contribuem de forma determinante na herança cultural e nos hábitos destas crianças.

2.1.2 Tipos de Agressividade

A agressividade toma forma, quando um sujeito intencionalmente vai de encontro às ideias de um terceiro, causa danos ao outro. Estes danos podem ter origem física ou psicológica, porém, a partir do momento em que possuem a intenção de desestabilizar ou exterminar a vontade de outrem, caracteriza-se um tipo de comportamento agressivo, seja como forma de defesa ou imposição da vontade do indivíduo.

Desta forma, dividirei os tipos de violência em: psicológica e física.

A primeira trata-se da agressividade, onde a criança já dotada de meios intelectuais atuará de forma verbal ou comportamental, através de gestos ou palavras, temos como exemplo: palavrões, gestos corporais etc.

A segunda, é a que mais irei me ater, devido à faixa etária do grupo a ser pesquisado, trata-se da violência física propriamente dita, onde os alunos dotados de diversos sentimentos, agem de modo a atingir fisicamente seus colegas. Estas agressões podem ter origens em sentimentos como: alegria, dor, ciúme, raiva, medo, vergonha, culpa, remorso e uma série de outros sentimentos que desencadearão ações agressivas.

3. Metodologia

3.1. Ambiente estudado

O ambiente estudado é o da Escola Municipal Djalma Coutinho de Oliveira, situada no município de Niterói – RJ, no bairro de Riodades, abrangendo as comunidades do morro do Caramujo, Teixeira de Freitas e Barreira, local onde residem alguns alunos.

3.2. A população estudada

Foram estudados alunos com a faixa etária de cinco a treze anos, cursando dois anos distintos do 1º e 2º ciclos do ensino fundamental. Uma classe de 1º ano (Alfabetização – 1º ciclo) e outra de 3º ano (2º ciclo).

3.3. O que estudar?

Foram analisados os comportamentos considerados agressivos nas aulas de educação física. Quais os suscitadores desta agressividade? Suas causas? Como a família influencia? Como os modelos políticos, sociais e econômicos tem consequência? Quem são os agentes motivadores?

3.4. Coleta de dados

Foram feitas entrevistas sociais nos moldes de (LAHIRE, 1997, p. 47 - 348). Participaram das entrevistas os treze alunos da turma de 1º ano do ensino fundamental e os doze

da turma de 3º ano. As questões eram abertas, embora seguissem um roteiro disposto em anexo, e foram gravadas com dispositivos de áudio. As questões investigadas foram pertinentes aos arranjos familiares, dinâmica e estrutura. O cotidiano dos alunos e suas referências.

As duas professoras regentes de turma também foram entrevistadas, para poderem fornecer informações relativas à participação dos alunos nas aulas, a presença dos responsáveis no diálogo família e escola e sobre a identificação de agressividade nas aulas realizadas em sala. Assim como, relataram algum tipo de fato relevante ao comportamento de seus alunos, e que tivessem correlação ao tema proposto na pesquisa.

3.5. Interpretação dos dados

A interpretação dos dados das entrevistas ocorreu através da correlação entre os dados extraídos nas conversas com alunos e depois com as professoras, além dos apontamentos feitos por mim no cotidiano das aulas de educação física escolar.

Desta forma, há um diálogo entre os dados e as informações coletadas, através das análises individuais de cada aluno. A configuração social terá como fonte os fatores relacionais e interdependentes, onde, distanciar-me-ei da absolutização dos conceitos. Podendo chegar a uma conclusão individual e coletiva a cerca do comportamento agressivo apresentado nas aulas de educação física escolar.

Cabe ressaltar, que não será utilizado como forma de qualificação para os dados apresentados, nenhum tipo de modelo pré-estabelecido de família ou de dinâmica familiar, assim como, de comportamentos. Sendo esta uma análise antropológica que encontra na etnografia um ponto de apoio para a pesquisa feita. Além do estudo não ser feito somente em alunos considerados agressivos. Parte-se da ideia de que encontrando os alunos dentro da normalidade esperada pela sociedade no ambiente escolar, poder-se-á encontrar mecanismos de diminuição efetiva da agressividade, ou mesmo os motivos para sua apresentação.

4. Conclusões

Foi constatado no estudo feito, que boa parte dos componentes que integram as relações familiares necessita trabalhar durante todo o dia, dado o contexto econômico. Desta forma, passam bastante tempo fora de suas residências. Muitas vezes, deixam as crianças com seus consanguíneos, vizinhos, ou familiares não consanguíneos. Estas relações se estabelecem na

maioria das vezes pelo fato econômico ser o desencadeador da ausência efetiva dos pais na educação dos filhos. Refiro-me a ausência presencial, a falta da presença física. Neste cenário, muitas vezes não conseguem ter o conhecimento de onde e como passam o dia.

Vi que muitas crianças não passam o dia na própria residência, outras não possuem o hábito de estudar em casa, vivem vendo televisão durante o restante do dia, e outras vivem em um “vai e vem”, onde não adquire um local como referência.

Estas relações recebem influência econômica de forma direta, sendo as classes trabalhadoras marginalizadas, colocadas em locais de difícil acesso, desprovidas em sua maioria de serviços básicos eficientes (infraestrutura), habitando pequenos espaços na relação pessoa/m², estabelecendo-se assim um sistema de “amontoados de pessoas” em residências com espaço reduzido.

4.1. Os relatos das professoras regentes de turma

Foi possível encontrar nas conversas com as duas professoras regentes das classes pesquisadas, alguns dados que podem ser levados em consideração para a interpretação.

Ao serem questionadas sobre quantos e quais os responsáveis que participaram das reuniões escolares, as mesmas foram bem enfáticas, ambas disseram: “posso contar nos dedos”! Nas duas turmas pesquisadas, uma com doze alunos e outra com treze, os responsáveis que compareceram foram: três responsáveis em cada turma somente.

Outros aspectos relevantes, são alguns relatos, como: “a mãe da aluna X, tia do aluno N, disse que o pai de N costuma mandar ele trazer facas para pegar os colegas”! Outro relato: “a mãe da aluna R, ao vir sua filha brigando disse, pega ela, se você não pegar, eu pego depois, mas você vai ver quando chegar em casa”!

Isto pode nos dar a noção do quanto a ação presente no diálogo com a escola está escasso. Poucos responsáveis se apresentam para o diálogo sobre a formação escolar dos filhos, assim como os que aparecem, costumam incentivar práticas agressivas, tanto no ambiente escolar, quanto em suas próprias residências.

A relação dos responsáveis que vão as escolas também, em alguns casos, não vai ao encontro das pessoas identificadas pelas crianças como referências afetivas.

Já, os que tem o mesmo perfil, geralmente apresentam, de um modo geral, comportamentos dentro do esperado pela sociedade no ambiente escolar.

4.2. O *habitus familiar* e a agressividade na escola – quase um espelho

Foi detectado em grande parte das entrevistas que o ambiente vivido em casa ou nas relações dinâmicas de família, era reflexo direto das práticas cotidianas a que vivenciavam. Muitos relatos nos mostram que o ambiente doméstico vive uma intensa profusão de agressividade. Talvez por serem submetidos a cargas estressantes de trabalho diário e a ambientes de competitividade exacerbada em seus postos de trabalho, possam apresentar dentro de seus espaços domésticos um comportamento agressivo, de imposição de vontades e punições por contrariedades através da força física. Estabelecendo através de posições definidas hierarquicamente, seus desejos, vontades e punições quando contrariados. Em várias oportunidades eram detectadas situações de violência física entre os adultos, dos adultos para com as crianças e das crianças entre si, onde nada mais era do que a repetição das ações vistas e vividas pelas próprias crianças.

Geralmente essas crianças que relatavam já terem sofrido ou presenciarem as agressões físicas ou castigos corporais, apresentavam comportamento semelhante nas aulas de educação física, nas aulas ministradas pela professora regente de turma e nos tempos livres dentro do ambiente escolar.

Na faixa etária da população pesquisada, talvez seja mais notada esta influência, já que não são muitos que ficam o dia na rua, ou fora do contexto familiar como um todo. A maioria das crianças que não passa o dia em casa, fica com algum parente ou vizinho. Isto pode ocorrer, devido à própria faixa etária destas crianças, que na opinião dos responsáveis inspira um “cuidado” maior.

Muitas crianças apresentavam comportamentos consonantes aos que vivenciavam nas relações familiares. O lugar onde passavam a maior parte do dia (casa da avó, vizinho, casa da tia etc.), geralmente denotava em um comportamento similar do aluno no contexto escolar.

Nos casos dos alunos com um nível de agressividade acima da normalidade esperada pela sociedade em um ambiente escolar, isto se torna mais latente, a maioria (quase absoluta) relatou ser agredido fisicamente de forma constante, ou já ter sido. Relatavam também que presenciavam cenas de castigos corporais entre membros da família ou do ambiente em que eram inseridos.

Sendo assim, principalmente nesta faixa etária - já que os responsáveis dispensam uma maior atenção para com as crianças e não permitem que os mesmos fiquem muito tempo pelas ruas - podemos dizer que o hábito herdado das configurações familiares, assim como as suas formas de se relacionarem, contribui de forma bastante contundente para a formação das práticas agressivas no ambiente da escola.

4.3. A referência afetiva como fator decisivo para as práticas cotidianas

Pude perceber na pesquisa, um aspecto que considero bastante relevante nas práticas das crianças. Pode-se revelar no relato dos próprios alunos a afetividade sendo vista com admiração e respeito. Estes valores aproximam estas crianças destes sujeitos.

Ao representarem o papel de referência, mesmo que inconscientemente, os atos desses responsáveis, são analisados e servem como exemplo para os alunos. Onde a maioria de seus comportamentos e hábitos dentro do ambiente familiar serão reproduzidos no contexto escolar e nas aulas de educação física. Em muitos relatos, as crianças demonstravam pré-disposição a acatarem as propostas destas referências afetivas, onde os mesmos diziam que eram as pessoas que “mais gostavam”. Além de se mostrarem sempre receptivas as conversas com estes referenciais. Em diversos relatos, os alunos afirmavam que estudariam mais se as pessoas identificadas como referência afetiva os “mandassem” ou “pedissem”, ou mesmo parariam de brigar com os irmãos. Afirmaram que não fariam “coisas erradas”, se estas mesmas referências afetivas os pedissem.

Com isso, um responsável que se apresente com ações de não agressividade no ambiente familiar, pode desencadear comportamentos da mesma natureza. Porém, se o comportamento for contrário, as demonstrações de agressividade far-se-ão presentes no contexto escolar.

Neste contexto, em alguns casos, a agressão física tem como potencial incentivador o referencial afetivo tido pela criança.

4.3.1. O afeto comprado

No presente estudo, percebi um dado bastante relevante e que também diz respeito às influências recebidas pela família do modelo sócio-político-econômico.

Muitas crianças afirmavam terem como principais referências, pessoas que “mais gostavam”, como os mesmos diziam, pessoas que eram apontadas desta forma por proverem bens materiais a estes meninos/as.

Em alguns relatos, ficava-se evidente o sistema de recompensas estabelecido na família, reflexo do modelo social vigente. Onde os alunos diziam que o motivo para enxergarem determinada pessoa com afeto, era somente por ter ganho algo em troca (vídeo game, dinheiro, biscoito etc).

Sendo assim, não podemos deixar de observar que nas relações familiares, ou *habitus familiar*, como diz BOURDIEU, está presente o sistema de recompensas baseado no capital econômico e principal propulsor das relações sociais do sistema global.

O afeto então torna-se algo comprável, desde que se tenha meios para dispor de um sentimento através da troca material. Claro que a criança e muitas vezes o adulto que é visto como referência não agem de forma consciente, porém suas ações estão contribuindo para um cidadão baseado no acúmulo de bens, na recompensa. Onde em um momento em que não for recompensado, poderá exigir de outras formas, podendo suscitar em um comportamento agressivo. Claro, se este vier aliado a outras práticas familiares.

4.3.2. A identificação da referência afetiva – uma importante contribuição na formação dos hábitos sociais

Independentemente de como se constrói essa relação de afetividade, ela se revela de extrema importância na formação dos hábitos sociais da criança. Com isso, não se analisará como se dão as relações de afeto, mas o quanto elas podem ser importantes para o desenvolvimento do processo formativo das ações dos alunos.

Pudemos ver nas entrevistas, que muitos alunos se mostravam pré-dispostos a aceitar opiniões e até mesmo acatar ordens das pessoas identificadas por elas como “as que mais gostam”. Os comportamentos considerados fora da normalidade, ou até mesmo o hábito de estudar fora da escola ou não, podem ser desencadeados através deste referencial. Muitas crianças afirmavam que não tinham determinado hábito de estudo, pois ninguém os cobrava, assim como tinham comportamentos agressivos, porque ninguém falava nada. Falavam palavrões e diziam não serem tolhidos destes hábitos. Claro, cada sociedade exige um padrão de comportamento, mas vamos nos ater a sociedade em que está inserida a população analisada.

Alguns hábitos considerados mais “saudáveis”, mais “sadios”, mais “educados”, podem ter como fonte de propulsão os referenciais afetivos destas crianças, as mesmas apresentam uma boa vontade com estas pessoas, podendo contribuir e muito na formação de hábitos sociais.

Com isso, não importa a forma como se estabeleceram estas relações afetivas, o importante a que as pessoas “escolhidas” pelas crianças para este papel, o assumam de forma presente e em prol das ações formativas na vida destes cidadãos.

4.4. União escola e família – o diálogo que precisa existir

Vimos que nos relatos das professoras regentes de turma, durante um ano letivo, apenas seis responsáveis, em um universo de vinte e cinco, compareceram a escola para as reuniões com as mesmas. Nos mostra, além da indisponibilidade de tempo pelo fator trabalho, um certo “desinteresse” ou “descaso”, por parte de alguns responsáveis. O período a que me refiro, é de

um ano letivo inteiro. Além de não comparecerem as reuniões, não compareceram em qualquer outro dia para saberem da vida escolar de suas crianças.

Alguns desses responsáveis não eram citados pelas crianças como os referenciais afetivos, existindo uma diferença, relativa à agressividade, dos alunos que possuíam como referenciais os próprios responsáveis que se apresentaram à escola.

Poucos eram os alunos que apresentavam comportamento fora da normalidade e que os pais mantiveram contato direto com a escola durante o período letivo, o que me faz crer, que quando há o interesse e o diálogo entre ambas as instituições, pode-se encontrar uma solução para uma formação de qualidade e que desenvolva hábitos sociais consonantes com a idéia proposta pela escola, família e sociedade.

4.5. As possíveis soluções para a diminuição do comportamento agressivo na escola

4.5.1. O referencial afetivo sendo atuante no processo formativo

Um aspecto importante é o de identificação das referências afetivas, pelo menos, há a pré-disposição por parte dos alunos em atendê-los. O que já se torna de grande valia para o desenvolvimento das ações em conjunto com a família. Mesmo que os responsáveis presentes à escola não sejam os referenciais identificados, provavelmente, os mesmos poderão ser encontrados, aliando-se assim ao processo de formação da criança. Esta pode ser uma solução, ainda não pesquisada. Talvez, a dúvida possa ser sanada a partir de novas pesquisas, servindo esta como ponto de partida neste tipo de perspectiva.

4.5.2. A aproximação afetiva entre professor - aluno

Um dos aspectos a serem analisados, é que muitos alunos se desinteressam pela escola por se sentirem desmotivados. Não vêem a escola como algo agradável. Torna-se um fardo ter que ir a escola. Com isso, atividades que estimulem o lúdico, coisas que deem prazer aos alunos, tornam-se ferramentas valiosíssimas para os professores, que poderão inclusive criar um elo de afetividade com os alunos. O que criará um ambiente propício para as relações sócio-educacionais, atraindo o aluno e favorecendo o desenvolvimento das práticas educativas.

Vimos que as referências afetivas nas famílias, encontram uma pré-disposição, por parte dos alunos, em serem atendidos em suas proposições. Neste cenário, aproximação baseada em afeto, tornar-se-ia uma boa ferramenta para o desenvolvimento de ações que despertem atenção, respeito e reconhecimento para com o professor.

Cabe ressaltar que as referências pesquisadas, foram as do círculo familiar, porém, um estudo a partir deste panorama poderá confirmar esta nova hipótese criada a partir do presente estudo.

4.5.3. O *habitus familiar* pacífico, um aluno menos agressivo

Uma das mais expressivas respostas que encontrei neste estudo, foi relacionada aos hábitos de imposição de vontades a partir de ações agressivas dentro das famílias.

Vimos que muitos alunos que não conviviam diretamente com as ações de agressividade, tinham um comportamento dentro da normalidade, para o contexto escolar.

Já os alunos que frequentemente presenciavam discussões, brigas ou sofriam agressões físicas, reproduziam sistematicamente estes mesmos comportamentos dentro da escola. Alguns, inclusive, incentivados pelos próprios responsáveis, como pudemos ver.

Sendo assim, uma reflexão no próprio sistema de sociedade que vivemos, será de vital importância para a incorporação de hábitos pacíficos no interior das relações familiares.

Estas relações familiares desencadearão em novas ações no ambiente escolar. Ambiente dotado de esperança, que deseja poder fornecer aos alunos uma formação de qualidade e que atenda as novas demandas sociais que lhe são atribuídas. Uma escola formadora do cidadão integral, crítico e consciente de suas ações, para agirem e interagirem no mundo de forma consciente.

4.6. As micro e macroestruturas, o que pode ser feito?

4.6.1. Possíveis soluções nas macroestruturas

Algumas possíveis soluções podem ser suscitadas a partir deste artigo. Porém deverão ser pesquisadas para podermos chegar a algumas soluções com maior embasamento.

Uma delas refere-se à proposição de novas políticas de segurança pública, onde os cidadãos não se sintam reféns dentro de suas próprias comunidades. Onde teriam outras referências e hábitos dentro de suas comunidades.

Outro aspecto relacionado às questões da violência no espaço doméstico consiste na atuação e na forma com que as mídias tratam estes casos. Ao não transformarem em heróis seus protagonistas armados e promotores de massacres, estarão dando o primeiro passo para a não criação de hábitos agressivos no cotidiano das instituições familiares. Onde as crianças não tomem como exemplos personagens com atitudes violentas e passem a atuar em seus cotidianos conforme seus ídolos midiáticos.

As mídias também contribuem para o desenvolvimento da agressividade quando promovem uma verdadeira indústria do consumo, transformando as mercadorias em verdadeiros objetos de poder quando conquistados. Porém, só serão acessados pelo que chamarei de “Nobreza do Poder Paralelo”, constituída pelos chefes do tráfico, seus parentes, amigos etc. Estimulando a comunidade a desenvolver um modo de vida semelhante aos dos traficantes, de hábitos violentos, de imposição pela força física na conquista de seus intentos.

Para elucidar como esses casos podem ser recebidos dentro de uma comunidade, podemos falar de um caso real, onde há pouco tempo o traficante detentor do poder gerado pelo tráfico na favela da Rocinha, o traficante de pseudônimo “Nem”, foi preso em uma operação policial. Durante dias pudemos ver em diversos veículos de comunicação as fotos e relatos de como viviam os traficantes e seus parentes. Casas luxuosíssimas no interior da favela, roupas de grifes, utensílios domésticos de última geração, além de uma esposa que esbanjava poder e artigos de luxo pela favela, sendo considerada a “Xerifa da Rocinha”. Somente este cenário já seria preocupante, devido o poder econômico e a fetichização das mercadorias a que estamos expostos. Porém, torna-se mais preocupante quando vimos em vídeos amadores gravados no interior da favela, onde pudemos assistir ao traficante decidir sobre diversos assuntos, inclusive sobre a vida de outras pessoas. Ou seja, dentro desses espaços, todos os poderes que deveriam ser exercidos pelo estado, estão centrados nas mãos de um dono, que justamente utiliza-se da violência física para reprimir e comandar toda a comunidade através do poder paralelo que o enriquece. Fazendo com que o mesmo possa dispor de outros tipos de recursos, inclusive financeiros, deixando todo o entorno repleto de glamour, aos olhos de quem convive diariamente e não tem acesso ou tempo para viver outros tipos de experiências. Além de se situarem às margens da sociedade, já que não enxergam o estado concretamente. O estado vigente dentro destas comunidades, acaba chamando-se tráfico. O estado de direito, torna-se apenas uma entidade virtual, que não consegue permear as paredes das comunidades.

4.6.2 Possíveis soluções nas microestruturas

Um dos espaços que entendo por microestruturas é o próprio espaço doméstico do ambiente familiar e o outro, a escola. Este diálogo entre escola e família precisa existir de forma permanente, onde a escola desenvolva estratégias que possibilitem conscientizar os integrantes da família sobre a importância dos hábitos familiares na formação do indivíduo e no desenvolvimento de sua formação como um todo. Estas novas formas de constituição das ações no espaço doméstico poderá proporcionar a estas crianças uma nova forma de crescer, se desenvolver, de ver a vida. Mais conscientes de suas ações, desenvolvendo hábitos mais

saudáveis, mais solidários, menos violentos, de mais respeito ao próximo. Promotores da diminuição de desigualdades, e principalmente, engajados nas lutas paradigmáticas e subparadigmáticas, como diz (SANTOS, 2000 p.211), ou seja, atuar nas micro e macroestruturas por uma sociedade mais autônoma, menos desigual, menos violenta e de respeito aos humanos e seus direitos, além de compreenderem e cumprirem os seus deveres de forma consciente. Este será o momento em que chegaremos ao que (FREIRE, 1987 p.53) já nos disse há muito tempo e denominou de *inédito viável*⁴. Neste caso o *inédito viável* seria a formação do ser integral, chamado por (FREIRE, 1987 p.42) de *Ser Mais*⁵, o ser consciente de seu espaço na sociedade, criador e criatura – ao mesmo tempo – de seu próprio mundo.

⁴ Para mais informações sobre o conceito de inédito viável, ver em (FREIRE. 1987 p.53).

⁵ Trata-se do homem consciente de seu espaço no mundo, de como se produzem suas ações endógenas e exógenas. Assim como, as interrelações entre os ecossistemas existentes.

Anexo 1

Roteiro norteador das conversas com os alunos.

- 1 - Nome:
- 2 - Quais as pessoas que residem com você?
- 3 - Quem é / são as pessoas mais importantes para você? Por quê?
- 4 - Como é a relação dos pais? Se separados, qual a frequência de contato com os mesmos?
- 5 - Qual a profissão ou em que trabalham os pais e as pessoas que moram com você?
- 6 - Como e onde costuma passar o dia fora da escola?
- 7 - Estudaria ou obedeceria a pessoa que “mais gosta”?
- 8 - Alguém em casa ou onde passa o dia, costuma chamar a sua atenção e dar bronca em você?
De que forma?
- 9 - Já “apanhou” ou “apanha”? Recebeu castigos físicos ou corporais? Com que frequência ocorre?
- 10 - Costuma ficar ou já ficou de castigo? Qual a frequência?
- 11 - No seu ambiente familiar, possui o hábito de ouvir e falar palavrões? Com que frequência?
Em caso de afirmação, não falaria se a pessoa que você mais gosta lhe pedisse?
- 12 - Costuma ver e ouvir discussões em casa? Com que frequência?
- 13 - As pessoas da família tem o costume de brigar, inclusive fisicamente?
- 14 - Me diga como é um dia da sua vida?
- 15 - Se quiser se abrir e falar qualquer coisa da sua vida fique a vontade:

OBS: Cabe ressaltar que o roteiro não é fechado, assim como a linguagem utilizada na entrevista. A mesma era adaptada de acordo com a criança entrevistada e suas formas de se comunicar.

Anexo 2

Informações coletadas em conversas com as professoras regentes de classe.

- 1 - Quais os responsáveis que comparecem as reuniões de pais?
- 2 - Qual o grau de parentesco com os alunos?
- 3 - Como são os comportamentos, com relação à agressividade dos alunos nas aulas ministradas por vocês?
- 4 - Possuem algum relato que possa ser relevante, com relação aos comportamentos sociais dos alunos?

Bibliografia

BOURDIEU, P.; **Sociologia**. Organizado por Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

ENGELS, F.; **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 1ª ed. São Paulo: Centauro Editora, 2002.

FREIRE, P.; **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAHIRE, B.; **Sucesso escolar nos meios populares - as razões do improvável**. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997.

LIPOVETSKY, G. In: ABRAMOVAY M.; **A violência e as cidades**. Acesso em: www.miriamabramovay.com.br, na data de: 22 de março de 2011.

PRODÓCIMO, E. et. Al.; **A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção**. Pensar na prática. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/4520/4695>, acesso em: 11 de agosto de 2011.

SANTOS, Boaventura de S.; **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática, v. 2. São Paulo: Cortez, 2000.

SARTI, C. S.; **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Cortez, 1996.